

O COMUNISTA

ÓRGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO GONDE DAS ANTAS, 51 P.º

Composição e impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

CONTRA A DITADURA DAS DIREITAS

Causas e aspectos da crise actual Impõe-se a coligação das esquerdas

A guerra lançou o mundo num estado revolucionario. A Russia com o seu Estado sovietico, a Italia com o fascismo, a Hespanha com a ditadura militar, a Alemanha com o estranho cambio do social democracy Ebert e do militarista von Seeckt e até a Inglaterra com o seu ministro trabalhista, isto sem falarmos na estopordosa confusão balkanica e na agitação dos povos orientaes, não são mais do que factos, aspectos diferentes da crise social, profunda e extensa, que avassala o mundo.

Por toda a parte a trepidação e a instabilidade, mais agudas nuns pontos, quasi imperceptiveis noutros, avançadas, recuadas, precipitadas, confusas, extremas, em o espantoso que se nos oferece e perante o qual raros são os que não perdem a cabeça e conseguem ver uma nega do cambio que a Revolução ha de procurar.

Os aspectos da luta

O fundo da questão, as raizes da crise geral que atinge os povos, é estado de empolamento, a totalidade do poder de compra que a todos trouxe a guerra, essa guerra ingente que, não só devorou a melhor parte das riquezas acumuladas, por algumas gerações, como comprometeu e apoucou os rendimentos do trabalho futuro.

Nestas circunstancias é natural que cada um pretenda alijar e endossar os encargos que uma tal situação acarreta. Os diferentes Estados procuram salvar-se e engrandecer-se. A custa uns dos outros, lutando, e aunoos como agora e em 1913-1914, os perigos de guerra foram mais serios e proximos (aliança da Italia e da Hespanha contra o predomínio da França no Mediterraneo; aliança da França com a Polonia e a Tcheco-Slovacia contra o bloco da Italia e da Hespanha, rivalidade patente da Inglaterra e da França, etc.), e, internamente, dentro de cada Estado, as classes alargam-se, umas, por manter as posições conquistadas e os beneficios materiais acumulados, outras, por ascender a maioria em que estão mergulhadas ou de que são ameaçadas.

Temos pois a luta geral do Estado contra Estado, e a luta particular das classes dentro de cada Estado.

Porém, esta luta interna particular não é ainda mais e surgem aspectos novos, mais intrincados, mais confusos, a luta das tendencias dentro de cada classe, a luta das nacionalidades dentro de cada Estado (tendencias separatistas da Catalunha e Galizia, na Hespanha; da Silésia alemã, na Polonia; da Baviera e Renania, na Alemanha, etc., etc.).

Complicação espanhola, mudanças constantes da frente de combate, alianças movelias, combinações confusas, aliados de hoje que são os adversarios de amanhã, eis o desordenar dos acontecimentos que preparam sob os nossos olhos, como uma vertigem cinematográfica.

Pouco a pouco, dentro de cada Estado, as situações tornam-se mais claras. As fracções intermediárias ou anuladas ou deslocadas para a direita e para a esquerda. E finalmente, são, por via de regra e logicamente, as tendencias extremas que travam a batalha final e decisiva e entre as estão no periodo constructivo duma civilização nova.

É o quadro que nos oferece o meio burguez em decomposição.

As forças em presença da democracia em crise

Em Portugal, durante o atropello pela guerra, este estado de coisas não podia deixar de ter a sua repercussão. Em crise financeira e economica anteriormente, a situação agravou-se depois da guerra e tem hoje um aspecto catastrófico. As fracções politico-governamentais baralharam-se, confundiram-se, amalgamaram-se, tentam experiencias que fallam, e logo se desligam e disputam em injurias recíprocas, deixando umas sobre as outras as responsabilidades dos insuccessos para depois as voltarem a nair e de novo a separar sem nada terem realiado.

A impotencia dos remedios empregados impõe a novas combinações, a novas experiencias.

A democracia com as suas peias e reticencias, e parlamentarismo com o seu funcionamento excessivamente moeste e esterilizador, nao fragam neste combate furioso dos interesses e das paixões, dando lugar a uma corrente nova dentro do quadro burguez que defende os meios energicos e rapidos como panacea de salvaguarda nacional.

Não temos que extranhar ao que observamos o rendimento desta corrente que se justifica no proprio estado de decomposição que atinge as sociedades. É o instinto de conservação, é a legitima defesa dos interesses e das situações creadas que dá vida e movimento a esta estado de espirito e a essa agitação de forças.

A nós, que marcamos na extrema esquerda, cumpre nos igualmente por instinto de conservação e em legitima defesa, dar combate energico e decisivo a essa corrente, sabendo de antemão que ela não nos pensará logo que triunfe e que é absolutamente impossível estabelecer entre nós qualquer tregua ou conciliação.

Ora a sociedade portuguesa apresenta-se assim dividida:

Primeiro plano. Forças politicas. — Democráticos, independentes e alvareizistas, dispostos da maior força parlamentar e do eleitorado na defesa da democracia. Republicanos nacionalistas e monarchicos, dispostos de menor influencia, na defesa da ditadura.

Segundo plano. Forças militares e outras. — O exercito, desorganizado, indisciplinado, tom entre os seus chefes mais grandiosos, apaixonados adeptos da marcial forte, a ditadura, mas tem tambem nas camadas inferiores, mais ativas e buliçosas, sinceras dedicadas pela democracia. A victoria duns ou outros oferece iguais possibilidades. Quem caminhar á frente, dispondo de algumas qualidades de poder organisador e um pouco de audacia, vibrará o golpe e obterá o triunfo, tão facil de alcançar como de perder pouco depois.

Neste plano cabem tambem as forças conservadoras do alto comercio, da grande industria e da finança, encobidas naturalmente para a acção e apoio da situação forte dos ditadores. Não se arriam necessariamente nos atares da batalha mas auxiliam poderosamente a tentativa

das direitas, que é logico e compreensivel.

Terceiro plano. As correntes extremistas, o proletariado, o povo. — É a maior potencia em meritos, com a sua minoria combativa fraccionada, e a maioria, uma maioria esmagadora, apatica, inerte, indifferente, joguete docil dos dominadores. O que faz perder a esta força o poder efectivo e real é não só a divisão da sua minoria actuante, mas o desconhecimento absoluto que manifesta esta minoria das condições da luta, dos factores que a votaríamos, dos objectivos que é necessario atingir, dos meios de organização que é preciso desenvolver para aproximar todos os seus elementos constitutivos, etc., etc.

Eis as forças em jogo.

A inutilidade da ditadura das direitas

Neste momento o perante a inercia e a impotencia da Democracia formalista para dar remedio pronto aos males que afligem a nacionalidade e de que todos se sentem ameaçados, desalinhase e acouta-se o proposito das direitas em vibrarem o golpe. O terreno não está talvez suficientemente preparado. Não se deslocaram ainda as forças intermediarias. Uma grande parte dos individuos que votam ainda hoje na defesa da Democracia, estão amanhã do lado oposto como combatentes da ditadura da direita ou da esquerda. É a fatalidade das circunstancias, as ilusões desfeitas, que impedem uma tal situação. Todavia a preparação do terreno remediar-se-á rapidamente no caso de successo para o golpe da ditadura das direitas. No dia seguinte ao da victoria toda a população estará com os vencedores, do mesmo modo que, tres meses depois, todos estarão contra a ditadura que passará a viver num estado de constante sobressalto, até á morte que não se fará esperar.

A ditadura das direitas marcou de inicio por dois ou tres actos expectaculosos que o Ze Brás, incorrigivelmente papalvo, aplaudirá com entusiasmo. A não ser que os ditadores sejam duma estupididade incomensuravel. De profundo e duradouro nada poderá fazer a ditadura das direitas — como na Alemanha, na Italia e na Hespanha — porque ela esbarará nos interesses dos seus mantenedores, interesses em cujo aniquilamento está toda a possibilidade de salvaguarda do maior numero.

As ironias da Historia

O que não sofre duvidas é que o perigo da ditadura das direitas existe o mesmo tal ameaça determina uma coligação das esquerdas. Ora nestas esquerdas estão compreendidos os partidarios da democracia burguesa.

Estranho espectáculo este, supremacia da Historia, que se compraz em ligar elementos tão dissimilares — os defensores da Democracia e o Partido Comunista.

O espectáculo, porém, nada tem de estranho e a historia está cheia destas manobras exquistas e afemoras aparentemente justificavias.

O caso pede historia: Um dia dois habitantes da mesma aldeia, inimigos irreconciliáveis, partiram a caminho dum lugar distante.

Caminhavam a par, na mesma estrada, afastados alguns passos, cruzando os seus olhares veigos de odio e esperando cada um deles o descuido do adversario para lhe cair em cima e liquidar contas antigas.

De repente, um tobo tomalhes o passo, escancorando a guela voraz. Os dois homens, instintivamente, arremetem contra a fera, vibram-lhe golpes furiosos, despregam-na, liquidam-na. E, afastado este perigo immediato, proseguem o seu caminho, sem que um tal acto de solidariedade e apoio mutuo tivesse diminuido os ressentimentos de cada um.

Mais tarde, em plena aldeia, os dois homens desviados liquidaram a sua contenda, perdendo um a vida nas milhas do outro.

Tal é a situação das diversas fracções que se apertam para o combate contra a ditadura das direitas. Dizêmo-la com absoluta sinceridade e serena noção de responsabilidade — sejam quais forem as consequências da peleja não termos de que arrependimentos ou de fazer recriminações. Vamos para o combate porque queremos porque sabemos ser esse o nosso dever. Cumpri-lo hemos sem hesitações. Para a frente!

Previsões dos acontecimentos

Evidentemente, não é de mais efemero o transitório que uma aliança entre as diversas correntes do proletariado e os partidarios da democracia burguesa. As direitas conservadoras não hesitarão para a ditadura por uma natural necessidade de defesa. Elas não são, formalmente, em principio, opostas ás democracias burguezas.

Pelo contrario, as correntes revolucionarias do proletariado são, por principio, irreconciliáveis com a democracia burguesa e nunca o seu triunfo será um facto sem a destruição dessa democracia.

Não pode haver revolução socialista que não vise estas duas situações fundamentais — a socialização da propriedade, a terminação da exploração do homem pelo homem. E um combate formal, inofensivo, de classe contra classe. Ora a democracia burguesa é precisamente o contrario disto — o confuso das classes, a pretendida harmonia do que é inconciliavel.

Eis porque não precariamente instavéis as bases duma aliança entre o proletariado e os democratas.

O que se conclui neste momento é que o conflito entre os partidarios da ditadura da direita e os da democracia fosse alguma coisa de profundo e de extenso, que a aliança das esquerdas fozisse funda e irremediavelmente, a corrente que se lhe oppõe.

Mo sucederá assim.

A coligação das esquerdas e a preparação do terreno forçarão as direitas a uma retirada sem combate, neste momento, e o perigo surgirá depois com todo o caracter de inevitavel.

Sim, não alimentemos ilusões a este respeito. A ditadura das direitas é uma prova pela qual teremos de passar, necessaria e indispensavel á independencia revolucionaria do proletariado portuguez, tão carecido de educação marxista.

Neste momento, porém, o que nos convém é proibir o triunfo dessa ditadura, reagrupar forças, esclarecer e definir as nossas directrices revolucio-

narias, depois, pela força natural das circunstancias, pelo agravamento da crise social, as forças intermediarias da democracia, se não deslocado para os extremos, e estramos então preparados para acitar o inevitavel, travando a batalha decisiva.

Até lá proximamos do tempo.

Por enquanto, a conservação da Democracia é nos necessaria porque ela é ainda uma garantia das nossas possibilidades de expansão e duma relativa liberdade de movimentos.

Ainda não chegou a nossa hora

A politica iniciada pelo Sr. Joaquim Ribeiro, na parte da agricultura, no ultimo trimestre do ano findo, marca um recrudescimento da crise nacional.

A fixação do preço elevado ao trigo nacional, muito acima da cotação media do trigo estico, e obrigatória de do seu consumo, ao abrigo de qualquer concorrência, a consequente liberdade de fabrico e de preços para a moagem e panificação, o estímulo das exportações, etc., determinam um agravamento da crise de 40% nos preços de generos alimentícios em 15 de Janeiro do corrente ano em referencia aos preços de 15 de outubro do ano findo.

A este agravamento do custo de vida não correspondeu um parallelismo de salarios.

Aquelas medidas, tomadas na intenção de estimular a produção, evitando o drenagem de ouro e valorizando o escudo, foram impoentes para impedir o salto brusco de libras de 104500 para 142500.

A restrição do poder de compra que se manifestou, em virtude da desvalorização do escudo, por um lado, a rareficação da moeda e a difficuldade do decaente, por outro, determinaram crises de trabalho na metalurgia, na construção, na sapataria, etc.

Crise de carestia por um lado, crise de trabalho por outro. Agravamento geral das condições de vida. Este agravamento, que toda faz prever que recrudescerá, atingirá as mais largas camadas da sociedade e creará por isso uma predisposição geral para tentar novas formas de governo. Nós os ditadores da direita esgaremos neste terreno. Não nos deves surpreender o facto de vermos uma parte do proletariado apoiando a ditadura das direitas, quando a miseria atingir um maior grau de saturação. Gasta e impoente: pa a resolver os problemas da hora presente, deslucadas as suas forças para os campos extremos, a democracia cederá, por um golpe de força que o meio ambiente proporcionar.

Aquella das forças extremas que melhor preparada estiver.

Não seremos nós essa força em a situação da Hespanha e não modificaremos. Mas a ditadura das direitas não se revelará menos impoente que a Democracia para apresentar soluções que eliminem a crise. Um ano de estagnação será mais do que sufficiente para exgotar e operar uma nova deslocação de forças, desta vez em proveito exclusivo do proletariado, se ele tiver unhas que detentem e cabelle que elabore ideas.

Examos inconscientemente lançados na via revolucionaria.

A situação que se nos depara agora é uma etapa necessaria para chegar ao fim.

Não nos perturbemos.